

Grau 3º - Mestre

Rizzardo do Camino

O Grau de Mestre é consagrado aos homens honrados que sempre souberam cumprir com os seus deveres, Maçons reconhecidos como cultuadores da sabedoria, dedicados a amar os seus Irmãos e integrados ao culto para com o Grande Arquiteto do Universo.

O Ritual do Grau de Mestre foi elaborado por Elias Ashmole nos fins do ano 1648; quanto a essa autoria, autores há que divergem.

Os trabalhos realizam-se em Loja especificamente preparada para o Grau três; a Loja apresenta as paredes em negro, sejam pintadas ou revestidas por panos negros, semeados de lágrimas brancas, de crânios e de ossos em cruz, agrupados em três, cinco e sete elementos.

Sobre cada Coluna, surge um férretro de onde sai um ramo de acácia, símbolo de imortalidade.

Nove são as luzes agrupadas em três, uma ao Leste, outra ao Sul e a terceira a oeste; essas luzes são cobertas por um véu negro.

O Sol vem recoberto por um véu negro porque é comemorada a sua morte,-sôb o nome de Hiram.

Sobre o Pavimento Mosaico, o Quadro da Loja; no centro do Pavimento, um férretro que na cabeceira apresenta um Compasso e na outra extremidade um Esquadro; sobre o caixão é depositado um ramo de Acácia.

Ocupa o férretro o mais jovem dos Mestres.

Os Mestres usam chapéu com as abas rebaixadas em sinal de tristeza; portam as Espadas com a ponta direcionado ao piso.

O Venerável Mestre senta diante dos degraus do Trono; ^a sua frente uma diminuta mesa; sobre a mesa uma lâmpada recoberta com um véu negro.

Os Malhetes estão recobertos por panos negros a fim de abafar o ruído dos golpes.

O negro é o que caracteriza o Grau; o negro não é uma cor, mas a ausência das cores.

Os trabalhos realizam-se na penumbra; quando o Primeiro Vigilante sai de seu Trono para reconhecer se todos os presentes são Maçons e Mestres; deve encará-los de perto; cada Irmão ergue, para tanto, a aba de seu chapéu.

Nas Colunas, inexistem assentos; todos permanecem de pé durante o ceremonial; apenas o Venerável Mestre e os Vigilantes possuem assentos.

A Loja toma o nome de "Câmara do Meio"; o Presidente tem o título de Venerabilíssimo Mestre; os Vigilantes de Respeitabilíssimos Mestres e os presentes de Respeitáveis Mestres.

Todos são revestidos com os respectivos Aventais do Grau; o traje é negro; os irmãos portam uma faixa da direita à esquerda da qual pende a jóia de Mestre; luvas brancas, e chapéu na cabeça.

O Grau de Mestre possui Palavra de Passe e Palavra Sagrada; na postura é mantido o sinal convencional; há o toque característico¹.

1. A Postura, as Palavras de Passe e Sagrada, o Toque, por serem sigilosos não vêm referidos no presente trabalho.

A Marcha é feita em três tempos, sendo o primeiro com os passos do Aprendiz; o segundo com os passos do Companheiro; o terceiro com os passos convencionais do

Grau.

A Bateria é constituída de nove golpes agrupados de três em três.

O Mestre possui o Sinal de Socorro usado em caso de necessidade ou perigo.

Colocado na postura do sinal, o Maçom suplica aos Filhos da Viúva o auxílio de que necessita; receberá o socorro dos Maçons que estiverem ao seu alcance, quando visíveis e dos Irmãos que se encontram no Oriente Eterno.

A necessidade é dirimida através de comunicação mental.

Essa "benesse" é pouco usada visto que nesses casos de necessidade, é preciso exercitar a fé; os exemplos que os Irmãos narram justificam a credibilidade que merece esse Sinal de Socorro.

Em qualquer necessidade, o Maçom deve exercitar esse Sinal; a experiência atestará a credibilidade esotérica dessa benesse que a Maçonaria propicia aos seus adeptos.

A idade do Mestre é a de sete anos e mais.

Os Mestres recebem o seu salário na Câmara do Meio, subindo uma escada em caracol de 3, 5 e 7 degraus, Escada essa, simbólica.

O significado do Toque é o seguinte: a conjunção dos pés, voar em socorro aos Irmãos, flexão dos joelhos, adorar o Grande Arquiteto do Universo; aproximação das cabeças, todos os pensamentos em direção a um único objetivo; mãos sobre os ombros, conselhos aos Irmãos; conjunção das mãos, assistência aos Irmãos na necessidade.

Os trabalhos abrem-se ao meio-dia e encerram-se à meia-noite.

A lenda do Grau: morte do Mestre Hiram de parte dos três Companheiros

O Grau de Mestre encerra a Maçonaria Azul.

ESCLARECIMENTOS SOBRE O RITUAL

Os primeiros dois Graus Maçônicos representam o nascimento e a vida física o moral do homem; o 3º Grau representa a finalidade do homem, ou seja, o seu ideal voltado aos seus semelhantes para redimi-los e dar-lhes a liberdade que em última análise significa a felicidade.

Segundo Salvatore Farina, a decoração da Loja tem significado esotérico.

A Loja, num sentido geral, trabalha no mesmo templo em que trabalham os Aprendizes e Companheiros; raras são as

Lojas que possuem a sua Câmara do Meio, assim, a Loja apresenta-se "quadrada", pois, o Oriente vem oculto por uma cortina negra, o que equivale a dizer que na Loja de Mestre não há Oriente.

O recinto quadrado denomina-se de "Hekal", que é a parte nos templos hebraicos onde o rabino oficia; "Hekal" significa "O Santo"; a parte menor, semicircular, denomina-se de "Dehbir", ou seja, o "sanctum Sanctorum".

O "Hekal", recoberto por cortinas negras semeadas com emblemas fúnebres, é iluminado por uma única lâmpada denominada de "sepulcral", emblema da unidade divina; no centro da sala, um ataúde coberto com um pano negro. Tudo representa a morte.

O "Dehbir" é iluminado por nove "estrelas" e principalmente, por um triângulo luminoso pendente.

O Iniciado somente visualizará esse Triângulo ao final de sua Iniciação.

É de recordar que o candidato na Câmara de Reflexão está cercado dos mesmos símbolos mortuários; a morte deve estar sempre presente e isso decorre do fato de se valorizar a vida; há a máxima latina: "Vive tanquam moriturus", ou seja, "vive como se

fosse próximo de morte".

Com isso são relembrados a vaidade das coisas, os erros, as trevas e a fragilidade humana.

Ao orgulhoso, enfatizado de si mesmo, desprezador dos demais homens como se tivesse sido criado como ser especial, o esqueleto lhe lembrará que é igual a todos e sua grandiosidade é vã.

Ao avarento que acumula riquezas, desprezando os semelhantes, o ataúde lhe ensina que os seus tesouros de nada lhe servirão.

Ao ambicioso, sedento de honrarias, a morte lembra que um sepulcro, cedo ou tarde "engolirá" todos os seus títulos e honrarias e que a verdadeira dignidade humana consiste na prática da Virtude.

O pensamento da morte sugere os melhores meios de bem viver e de bem morrer com resignação e esperança.

A LENDA DE HIRAM

As provas na Iniciação ao Grau Três consistem na representação alegórica da Lenda de Hiram Abif e na subida dos dois últimos degraus.

O Recipiendário é introduzido no Templo através da marcha "retrógrada", e feito sentar frente ao férretro com as costas voltadas ao Dehbir.

O Venerável diz:

Hiram, provecto arquiteto enviado a Salomão por Hirão de Tiro, dirigia os trabalhos no Templo de Jerusalém quando três Companheiros entenderam forçá-lo a revelar as Palavras, os Sinais e os Toques de Mestre.

Para esse propósito, esconderam-se cada um junto a uma das três portas do Templo o primeiro, desejando golpear o Mestre com um golpe de Régua na cabeça, atingiu seu pescoço; o segundo, tentando golpeá-lo na cabeça com uma Alavanca, feriu-o na nuca e o terceiro o atingiu com um Malho na testa, abatendo-o morto.

Os três assassinos não obtiveram o que desejavam e arrastaram o corpo do Mestre fora da cidade e o sepultaram.

Os Mestres, desolados pelo desaparecimento de seu Chefe, entregaram-se à busca e finalmente, encontraram seu corpo e sua mística jóia na qual estava gravado o nome do Grande Arquiteto do Universo.

Tal narrativa não passa de uma alegoria; ao final do capítulo entregaremos a lenda com maiores detalhes.

A lenda nos oferece duplo aspecto, astronômico e humanitário.

No aspecto astronômico Hiram representa o Sol junto ao solstício do inverno (para a América, no solstício do verão) quando parece morrer, extinguindo, o calor e a luz.

Segundo Jean Marie Ragon, Hiram, palavra que significa 'elevado', simbolizaria o Sol; Hiram, herói da legenda com o título de "Arquiteto", seria Osíris (o Sol); Ísis, sua Viúva, e a Loja, emblema da Terra (em sânscrito Loga = o mundo) e Horus, filho de Osíris (ou da Luz) e filho da Viúva é o maçom, ou seja, o iniciado que habita a Loja Terrestre; daí a definição: Filho da Viúva e da Luz.

A dor dos Mestres lembra a dor de Isis pela morte de Osíris, aquela de Cibelas pela morte de Atis e aquela de Vênus pela morte de Adônis.

Isso representa a tristeza dos primeiros homens quando do solstício de inverno, quando as trevas faziam temer pela extinção do mundo pela ausência do Sol.

O reencontro da jóia de Hiram onde estava inserido o nome do Grande Arquiteto do Universo, anunciava o renascimento e a ressurreição do Sol que manifesta o

potencial divino.

No sentido intelectual, Hiram representa o espírito humano; os três autores de sua morte são: o erro, a negligência e orgulho que degradam a inteligência.

Nesse sentido, a desolação dos Mestres representa a dor de todos os homens inteligentes, testemunhas de tal degradação, enquanto a Jóia encontrada indica a imortalidade do espírito que sobrevive com as suas obras e que deve completar no além o conhecimento que apenas aflora nos seres viventes.

No sentido moral, Hiram representa a alma humana; os três Assassinos são a ignorância, a hipocrisia e a ambição que pervertem as mais nobres virtudes e que paralisam cada sentimento íntimo de Justiça.

A desolação dos Mestres representa a dor de todos os homens virtuosos por aquela degradação moral e a jóia encontrada simboliza a imortalidade da alma que triunfa sobre a morte.

Os degraus do Templo

Dos sete degraus existentes no Templo, o Companheiro percorre cinco e assim os dois restantes devem ser vencidos pelo Recipiente ao grau de Mestre; esses dois degraus apresentam um tríplice significado: no sentido físico, o sexto degrau é a enfermidade que humilha os poderosos, enfraquece os fortes, e impele todos, igualmente, à morte.

No sentido intelectual, é a música ou harmonia dos sons que exercita sobre os espíritos uma maravilhosa influência, adoça os caracteres ainda que mais endurecidos e os dispõe para o bem.

No sentido moral, a tolerância maçônica que faz com que se respeitem todas as convenções, inclusive as erradas e faz com que esses erros sejam restaurados com o manto de indulgência.

No sentido físico, o sétimo degrau é a morte que destrói todas as partes do corpo humano, porém que as preserva com novas formas.

No sentido intelectual é a astronomia que elevando o homem além do mundo terrestre, parece colocá-lo em contato mais íntimo com o Soberano Regulador dos Céus.

No sentido moral, o sétimo degrau representa a conciliação maçônica, verdadeiro triunfo da Ordem que apaga entre os iniciados qualquer dissensão que possa nascer pela diferença de país, de nascimento, de condição social, classe, opinião política ou religiosa alcançando unir todos os Maçons num amplexo de amizade fraterna.

Consagração

A Consagração ao 3º Grau faz-se igualmente como nos Graus precedentes, ou seja, ao Grande Arquiteto do Universo e em nome ao Governo da Ordem.

O Venerabilíssimo Mestre recebe do recipiente a promessa de depor todo e qualquer sentimento de ódio e de vingança como indigno de um Maçom que odeia somente o vício e vinga-se elevando-se sobre todos os ataques injustos.

O Venerabilíssimo Mestre diz ao Recipiente: "Que o Grande Arquiteto do Universo e seja de ajuda, que os teus votos sejam puros e que os teus juramentos sejam sagrados".

Conferindo o último Grau da Maçonaria Simbólica, a Maçonaria clama o auxílio do Ser Supremo, sem a assistência do qual nenhuma obra humana pode ser conduzida a termo.

Espera-se que os votos do Recipiente sejam puros e seus juramentos

sagrados, ou seja, que ele, como Hiram Abif, persiste, mesmo com o perigo de sua vida, no cumprimento dos seus deveres.

Instruções do Grau

A instrução do Mestre é complemento das instruções dos Graus precedentes.

- A Maçonaria é denominada de "Arte Real", porque prima em oferecer aos seus adeptos o domínio sobre si próprios, o poder dominar as próprias paixões e seguir com perseverança o caminho da Virtude.

- Os Maçons são, também, denominados de "Filhos da Viúva"; devem merecer esse título pelo seu ardente amor à Verdade e o esforço constante de fazer triunfar essa Virtude no mundo, porque é na Verdade que consiste a Verdadeira Luz.

Na jóia de Hiram estava inserida a inscrição: "HAGG-SEIN-AGG", que traduzida significa. "Eu sou o filho da Verdade".

- Os Maçons se denominam "Filhos de Hiram" porque esforçam-se em imitar o modelo do homem virtuoso que a personagem simbólica representa.

- Cada Mestre Maçom denomina-se de "Gabaon"; tal palavra indica o lugar onde repousara a Arca da Aliança que representava o Templo do Eterno; isso lembra que o coração de cada Maçom deve estar sempre aberto, como o era a Arca da Aliança, à união, à concórdia e à conciliação. Gabaon é também uma das palavras simbólicas cuja inicial possui a letra "G".

- Os Mestres trabalham sobre a Prancheta; essa tábua que constitui uma das três jóias imóveis da Loja é construída com os bons exemplos que os Mestres devem oferecer aos Aprendizes e aos Companheiros.

- Os Mestres viajam do Oriente ao Ocidente e sobre toda a Terra, para iluminar a si mesmos e expandir a Luz da Maçonaria.

- Os Mestres trabalham e recebem o seu salário na Câmara do Meio; isso relembra que as três classes de operários trabalhavam na construção do Templo de Salomão, habitavam em uma casa de três pavimentos na qual os Aprendizes ocupavam a parte térrea; os Mestres, o primeiro e os Companheiros o segundo.

A Câmara dos Mestres, com sua decoração fúnebre, representa a Câmara da morte; essa pode denominar-se de Câmara do Meio; sob a visão maçônica a morte situa-se, justamente, na metade, entre a vida terrena e a imortalidade; os Mestres trabalham nessa Câmara simbolizando a medida justa: a moderação é o tesouro do sábio.

- O Mestre, para comprovar o seu Grau diz: "A Acácia me é conhecidas"; essa declaração significa: "Eu conheço a Maçonaria em geral e particularmente", vez que a Acácia simboliza a Maçonaria e o Mestrado.

A Acácia distingue-se de outras espécies porque a sua madeira é incorruptível; a sua casca afasta os insetos nocivos e as suas folhas, reclinadas durante a noite, elevam-se perante o Sol.

- A Palavra Sagrada, cuja raiz hebraica é "Moab", significa "do Pai", indicando que todos os Mestres reconhecem-se filhos de Hiram esforçando-se a imitá-lo como ser virtuoso.

- A Palavra de Passe é o nome de uma outra montanha da qual extraíam-se as pedras para a construção do Templo de Salomão. Isso deve recordar aos Maçons que devem trabalhar, sem tréguas, para edificar no coração um Templo virtuoso à glória do Grande Arquiteto do Universo e que seu elevamento espiritual consiste na perfeição desse edifício moral.

- O Sinal de Ordem reproduz um Esquadro que é o símbolo da igualdade que deve reinar entre todos os Maçons.

- O Sinal de Horror indica o temor inconsciente que a morte inspira e que a Maçonaria preocupa-se de mitigar.

- O Sinal de Socorro é um apelo ao sentimento de fraternidade que liga todos os Maçons e que deve reinar sobre qualquer obstáculo,

- O Toque oferece a imagem mais completa da amizade fraterna que deve unir todos os filhos da grande Família Maçônica.

- O abraço e a aclamação do Grau de Mestre são iguais aos dos Graus precedentes, mantendo o mesmo significado.

- A Bateria de luto, exprime a tristeza pela perda dos Irmãos que deixaram o Oriente da vida.

- A Bateria ordinária afirma a fé do Mestre na imortalidade da alma.

- A Macha indica que o Mestre está apto a superar todos os obstáculos e que passa, sem temor, desta vida ao Oriente Eterno.

- A idade do Mestre é de sete anos e mais. Isso relembra que ele recorda e conhece o valor alegórico dos números, não apenas até o número sete que é do seu Grau, mas muito além.

Assim, a unidade, símbolo de ordem e da harmonia é representada pela única Luz que ilumina o "Hekal".

A dualidade, emblema de união, é encontrada nas duas partes que compõem a Câmara do Meio, assim, inseparáveis uma da outra.

A trindade do mal é representada pelos três Companheiros perjuros que golpearam Hiram, com três golpes nas três portas do Templo; a trindade do bem encontra-se simbolizada na tríplice aclamação do Grau; das três buscas do corpo de Hiram encontrado numa cova larga três pés e coberta por um triângulo.

O quaternário, emblema de ciência maçônica, recorda os quatro princípios fundamentais, silêncio, meditação, inteligência e verdade.

O quinário, imagem da natureza e particularmente da Humanidade, é representado pelos cinco pés de profundidade da tumba de Hiram; esse número relembra que na tumba de Hiram estava escondida uma verdade profunda, ou seja, que as quatro idades da vida humano ocorre acrescentar uma outra, aquela da imortalidade.

O senário indica um elo entre a terra e o céu; encontra-se nos autores da morte de Hiram: vapor aquoso que sai do túmulo, o ramo de Acácia e o Delta brilhante (jóia).

O setenário, ou seja, a perfeição é representado pela marcha do Grau, mas, sobretudo pelos sete pés de comprimento da cova de Hiram; de tumba provêm os elevados ensinamentos esotéricos maçônicos.

O octonário encontra-se nos cinco pés de profundidade da tumba de Hiram unidos aos três lados do triângulo colocado sobre a mesma.

O novenário, símbolo de constante reprodução e da imortalidade, é representado pela Bateria e pelas nove luzes que iluminam o Dehbir e os nove Mestres que encontraram o túmulo de Hiram.

Esses nove Mestres são, no sentido astronômico, os meses de outono, de primavera e de verão durante os quais o Sol, já morto nos três meses de inverno, renasce, cresce e conquista toda a plenitude de sua carreira.

No sentido humanitário, os nove Mestres são: o sentido físico, os sete preceitos de higiene, além da sobriedade e da temperança, segundo o aforismo de Hipócrates: 1º - Comer pouco no verão e sobretudo no outono; mais na primavera e no inverno; muito durante o crescimento, pouco na velhice. 2º - Não exceder os limites da natureza, nem o sono, nem a vigília, nem a dieta, nem a abundância alimentar em excesso. 3º Zelar quanto à fraqueza prolongada ou breve. 4º - Para restabelecer as forças são preferíveis os alimentos líquidos; um pouco de vinho acalma a fome, 5º - Durante a dieta, evitar o

trabalho, 6º - Os males advindos da fadiga reparam-se pelo repouso. 7º -Os medicamentos são nocivos aos que são sadios.

No sentido intelectual, as sete principais ciências liberais já referidas (gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, música e astronomia) devem ser cultuadas.

No sentido moral, as sete principais virtudes maçônicas (fé, esperança, caridade, vigilância, devoção, tolerância e conciliação) além da moderação e sabedoria, devem ser observadas.

Examinadas as três dimensões da tumba de Hiram, que possuía três pé de largura, cinco de profundidade e sete de comprimento veremos que essa tumba representa a Maçonaria Simbólica integralmente, ou seja, os três degraus do Aprendiz, os cinco do Companheiro e os sete do Mestre.

A frase: "sete fazem a Loja perfeita", no sentido literal indica o número de Irmãos indispensáveis para constituir uma Loja resultando essa constituída perfeita.

No sentido simbólico, o número sete representa a perfeição de todas as coisas e particularmente, a perfeição da Humanidade composta do quatro e do três, ou seja, a fusão das duas naturezas, terrestre e divina.

A Loja será perfeita se houver o necessário equilíbrio entre os seus componentes.

O Painel da Loja

Os Graus simbólicos possuem "Painéis", que são constituídos de um quadro onde são desenhados os símbolos de cada Grau.

Tempos atrás, esses Painéis eram desenhados ou pintados, em tecido de pano, em forma de rolo, inspirados nos livros sagrados dos israelitas.

O Painel de Mestre contém um ataúde, simbolizando a sepultura de Hiram Abif, que por ordem do Rei Salomão fora enterrado nas proximidades do "Sanctus Sanctorum", porque no recinto sagrado as leis israelitas não permitiam a entrada de ninguém com exclusão do Sumo Sacerdote.

Dentro do Tabernáculo, posteriormente, conhecido como Templo de Salomão havia, separado por muitos véus, um *recinto* isolado, onde sobre um Altar, encontrava-se o "propiciatório", objeto de adorno de ouro puro, sobre o qual era derramado o sangue dos animais sacrificados no altar apropriado, na parte externa do Sanctus Sanctorum, ou "Santo dos Santos", ou "santíssimo".

A aspersão do sangue obedecia a um ritual determinado por Jeová, como se lê na História Sagrada, em Levítico, desde o primeiro capítulo.

O sacrifício denominava-se de "festa anual das expiações" que teve início com o primeiro sacerdote indicado e ungido por Jeová, Aarão, irmão de Moisés; posteriormente, foram consagrados os filhos de Aarão, a saber: Nadabe, Abiu, Eleazer e Itamar.

O Tabernáculo, pela primeira vez erigido, não era o Templo de Salomão; o Tabernáculo foi erigido por Moisés, recebendo de Jeová todos os detalhes de construção, como se vê em *Êxodo*, capítulos 25 a 40.

A figura central do painel é um esquife, ou seja, um caixão de forma convencional, sendo na parte superior mais largo que a inferior e de comprimento suficiente para conter uma pessoa.

Fora do esquife, na parte posterior, está desenhado um ramo de acácia, saindo de uma "iasac" de seu tronco; o ramo possui três galhos como extremidade, e à direita, outro galho.

Essa disposição não obedece a qualquer simbologia, pois depende do artesão

que o desenha.

Na tampa do esquife, na parte superior, vêem-se um "cordel", um "compasso" entreaberto e um "lápis".

São os utensílios do Mestre Maçom.

O "cordel" serve para marcar todos os ângulos do edifício, para que resultem iguais e retos; para que a estrutura seja sólida.

O "lápis" convencional, ou antigo, era feito apenas de grafite em forma cilíndrica, sem o revestimento de madeira; pode ser substituído pelo "Estilete" usado por Hiram Abif em sua Prancheta.

Na parte baixa do caixão vêem-se um crânio e duas tíbias cruzadas e no centro uma inscrição (em hebraico antigo) com o significado: "Excelente e Grande Arquiteto do Universo, assassinado por Oberfuth e Obbed, no ano 3.000 da Luz ou da criação do mundo".¹

Sua serventia diz respeito aos traçados; simboliza a necessidade de planejamento, antes da construção; ou seja, reflete prudência.

O compasso, semi-aberto, é um instrumento destinado a medir todos os aspectos da construção.

O crânio e as tíbias lembram a igualdade dos homens sem o invólucro externo; que a vida terrena é vaidade; que a presença da morte está em nós próprios.

Na parte central está desenhado o Pórtico que representa a entrada para o "Santo dos Santos"; simboliza a entrada post-mortem no Templo Celestial.

Recorda as nossas obrigações, deveres e juramentos, porque, antes de o transpor, deve o Maçom passar por uma preparação.

O Pórtico tem dois aspectos simbólicos, além de representar, dentro do quadro da mortalidade, a entrada para a Vida Verdadeira de além-túmulo, representa, também, a entrada para o Terceiro Grau, ou seja, para a Câmara do Meio.

Assim, o Companheiro deve "merecer" o ingresso, conquistando-o, não só através do conhecimento que adquire, mas sim e sobretudo pela demonstração de que porta um caráter e uma personalidade condignos para conviver com os demais Mestres.

A preparação para Exaltação, é muito sutil, porque estará o Companheiro ingressando na última etapa da Maçonaria Simbólica; se não for, verdadeiramente "livre e de Bons Costumes", resultará em fracasso. Dentro do Pórtico encontra-se uma lâmpada mística que o ilumina e que simboliza a presença Divina.

O Pavimento Mosaico é o local por onde caminha o Sumo Sacerdote; simboliza a diversidade da personalidade, pois, o Sumo Sacerdote diante do Propiciatório, expiava as faltas do povo, espargindo o sangue dos animais sacrificados.

Para o Pavimento Mosaico há interpretações múltiplas, desde a diversidade das raças, dos sentimentos, das religiões, enfim, a comparação entre duas Coisas; o dualismo que sempre existe em todas as circunstâncias.

Represente, outrossim, a ausência das cores, com o negro e a polarização por meio da luz solar, com o branco.

O Universo, antes da criação; a Luz após a criação do Mundo de Deus.

As Colunas do Pórtico, a Abóboda, o Altar com sua Escada de sete degraus, o Trono.

Simbolizam e representam o Templo Maçônico com as características já conhecidas e amplamente esclarecidas.

1. Assis Carvalho. *O Mestre maçom*, pág. 115

Porém, o seu aspecto mais importante é a representação do próprio Maçom, diante de morte alheia e a compreensão de própria morte.

O caminho para a Imortalidade; para a Ressurreição.

Demonstra que há santidade, liturgia, mística, na contemplação da Verdade, que é, ao mesmo tempo, realidade a quem ninguém poderá escapar.

O "arrebatamento" descrito várias vezes no Livro Sagrado, como sucedeu a Elias que foi trasladado em um carro de fogo para os Céus; a ascensão de Jesus, o Cristo, após a sua ressurreição; a promessa contida nos Evangelhos de um transporte para a Vida Eterna sem a passagem pela morte, são eventos ainda não suficientemente comprovados a ponto de serem aceitos face uma comprovação realística, palpável e a posteriori.

A Maçonaria crê, e é um dos princípios básicos de sua filosofia, em uma Vida Futura, além-túmulo, porém faz da morte uma passagem obrigatória face a uma imperiosa lei da Natureza e não se detém em dogmas que prometem fáceis transições sem dor, sem sacrifício.

O sacrifício é o caminho natural e místico que conduz à morte, porque deixar de viver, não é vantagem alguma, apenas, o cumprimento de uma lei natural, porém, o morrer por sacrifício, como aconteceu a inúmeros homens, desde os tempos mais remotos até os nossos dias, desde Abel, Hiram Abif, Jesus Cristo, Jacques de Molay, Gandhi, Martin Luther King e milhares de outros; anônimos cristãos nas mãos de Nero; anônimos santos em todas as épocas; mortos por ideal religioso, patriótico, ou de outros princípios, constitui um caminho precursor para os demais.

O valor de Hiram Abif não foi o de ter ornamentado o Templo de Salomão nem a perfeita organização que imprimiu para os milhares de operários, artífices e mestres, mas sim, a sua sacrificada morte em defesa de um juramento, Jurara, diante do rei de Tiro e do rei Salomão, jamais revelar as "Palavras de Passe" que haviam escolhido para garantir a ordem na construção do que foi, em sua época, o evento mais brilhante.

Aos pés do Esquife encontramos entrelaçados os instrumentos de trabalho: Maço, Nível e Prumo.

Abaixo, no local correspondente aos pés do cadáver, está o Esquadro com o vértice para cima, comprovando que a posição última, como o fora a primeira, é a da Esquadria.

O Maço é o símbolo do trabalho organizador, preparador da Pedra Bruta, que atua longe da construção para que o rumor que produz não perturbe a delicadeza da edificação e a santidade do local.

E com o Maço o primeiro trabalho que enceta o Aprendiz; tosco, pesado, grande suas batidas são desordenadas, violentas e destrutivas.

Sublimado, após a devida educação dos movimentos, transforma-se no Malhete que o Respeitabilíssimo Mestre e Vigilantes usam.

O Nível já é instrumento estático que equilibra a horizontalidade; amplia os conhecimentos e os delimita no plano da Natureza; é uma finitude dirigida com equilíbrio e sabedoria.

O Prumo é instrumento de precisão; dá à verticalidade o equilíbrio, o bom senso e a segurança, para que suba ao Infinito; sobre a base sólida, ergue a parede firme; é a resolução de um temperamento e de uma personalidade já delineada, de base sólida pela horizontalidade perfeita.

Esta é a lição dada e proveniente do Painel do 3º Grau, que numa síntese, poderíamos dizer, parodiando o poeta: "O Fim é o princípio de tudo", pois o homem profano recebe a morte como ponto final, fugindo dela com desespero e tentando dilatar o tempo, para que nunca chegue, enganando-se com o emprego de mil subterfúgios para banir a sua efígie, pois ignora que esse ponto final constitui a oportunidade da construção de uma nova fase; é o Princípio de tudo, ou seja, do que realmente existe de

glorioso.

A LENDA DE HIRAM ABIF

Eliphas Levis¹ nos apresenta a Lenda de Hiram Abif, minuciosamente elaborada:

"Salomão, o mais sábio entre os Reis de seu tempo, desejando erigir um Templo ao Eterno, fez reunir em Jerusalém o número necessário de obreiros para construí-lo.

Publicou um edital em seu reino e o difundiu entre as nações comunicando que quem quisesse ir a Jerusalém para trabalhar na construção do Templo, seria bem acolhido e recomendado com a condição de ser virtuoso, zeloso e de valor, livre de vícios.

Acorreu de imediato uma multidão de homens para candidatarem-se ao trabalho.

Salomão, contando com tão grande número de obreiros, assinou tratados com os reis vizinhos, em partilhar com o rei de Tiro, para que pudesse escolher do Monte Líbano, os cedros e as madeiras que lhe convinham, bem como uma variedade de outros materiais.

Já haviam sido iniciadas as obras, quando Salomão lembrou-se de um homem, Hiram, que na sua época era considerado o mais experto em arquitetura, sábio e virtuoso, a quem o rei de Tiro dispensava singular estima devido às suas grandes qualidades; dera-se conta, também, de que o grande número de obreiros exigia uma organização ímpar, eis que já começavam a surgir contínuas discussões entre eles e os que os administravam.

Salomão resolveu dar-lhes um chefe para manter a ordem e elegeu Hiram Abif, tório de nascimento.

Enviou ao rei de Tiro mensageiros com valiosos presentes a fim de rogar-lhe que lhe cedesse aquele famoso arquiteto.

O rei de Tiro, satisfeito pelo alto conceito que Salomão tinha de si, fez a concessão e lhe enviou Hiram, retribuindo os presentes, expressando sua amizade sincera a Salomão, acrescentando que além do tratado concertado, concedia-lhe uma aliança ilimitada, podendo dispor de quanto de útil seu reino poderia oferecer.

Os mensageiros retornaram a Jerusalém, no dia 15 de julho... um formoso dia de verão.

Entraram no palácio de Salomão, que recebeu Hiram com toda pompa de sua magnificência em consideração às suas elevadas qualidades. Houve uma grande festa para os obreiros para comemorar a sua chegada.

No dia seguinte, Salomão reuniu a Câmara do Conselho, para resolver os assuntos da construção; Hiram foi admitido à reunião, recebendo os projetos dos concorrentes. Salomão lhe disse, na presença de todos: "Hiram, eu vos escolho por chefe e arquiteto maior do Templo, assim como de todos os obreiros; vos transmito meu poder sobre eles sem que haja necessidade de outra opinião, senão a vossa; assim que vos tenha como um amigo a quem confiarei o maior dos meus segredos".

Em seguida, saíram de Câmara do Conselho e dirigiram-se às obras, onde o próprio Salomão, pessoalmente, disse aos obreiros em voz alta e inteligível, mostrando a Hiram:

1. O Livro dos Esplendores

"Eis aqui ao que escolhi para ser vosso chefe para guiar-vos: o obedecereis como se fosse a mim mesmo; lhe concedo amplo poder sobre vós e sobre as obras, sob pena

de que os desobedientes recebam o castigo que ele mesmo bem entender de aplicar".

Em seguida, inspecionaram o trabalho; tudo foi submetido às ordens de Hiram, que prometeu cumprir sua missão com êxito. No dia seguinte, Hiram reuniu a todos os obreiros e lhes disse: "Meus amigos; o Rei nosso senhor, me confiou o cuidado de dirigir-vos e normalizar os trabalhos do Templo. Não tenho duvidas que não faltará a nenhum de vós, o zelo para executar as suas ordens e as minhas. Entre vós, existe quem deve merecer salário mais elevado; cada um poderá alcançá-lo mediante provas sucessivas de seu trabalho. Para tranqüilidade e prêmio de vosso zelo, formarei três classes de operários; a primeira compor-se-á de Aprendizes, a segunda de Oficiais e a terceira, de Mestres.

"A primeira será paga como tal, e receberá o seu salário a porta do Templo, na Coluna "J".

A segunda será paga como tal, e receberá seu salário à Porta do Templo na Coluna "B".

E a terceira, no Santuário do Templo".

Foram aumentados os salários segundo os Graus e cada obreiro considerou-se feliz de encontrar-se sob o comando de tão digno Chefe; a paz, a amizade e a concórdia passaram a reinar entre eles.

O respeitável Hiram, desejando que tudo transcorresse na mais perfeita ordem e para evitar qualquer confusão entre os obreiros, aplicou a cada um dos Graus, Palavras e Toques para o reconhecimento, com a proibição de darem comunicados entre si, sem a permissão expressa do Rei Salomão e de seu Chefe, de modo que cada um receberia o seu salário de acordo com o seu sinal, de sorte que os Mestres seriam pagos como mestres, assim como os Oficiais e os Aprendizes.

Acertada essa perfeita regra, tudo transcorria em paz e as obras continuavam segundo o desejo de Salomão.

Porém, tão idealística organização poderia persistir?

Com efeito, não; três Oficiais, impulsionados pela avareza e o desejo de perceber o pagamento atribuído aos Mestres, resolveram descobrir a Palavra e como não podiam obtê-la senão do próprio Mestre Hiram, conceberam dele extorqui-la, por bem ou à força.

Como o respeitável Mestre Hiram ia diariamente ao Santuário do Templo para oferecer orações ao Eterno, pelas cinco horas da tarde, combinaram esperá-lo na saída, para perguntar-lhe pela Palavra dos Mestres; o Templo dispunha de três Portas, uma ao Oriente, outra ao Ocidente e a terceira, ao meio-dia; esperaram armados, com uma Régua, outro com uma Alavanca e o terceiro com um Maço.

Finda a oração, Hiram dirigiu-se à saída da primeira Porta, na qual encontrou um dos traidores, armado com a Régua, que o deteve, perguntando-lhe pela Palavra de Mestre.

Assombrado, Hiram lhe manifestou que não era daquele modo que a poderia conseguir e que preferia morrer a revelá-la.

O traidor, furioso face à negativa, golpeou-o com a Régua.

Hiram, aturdido pelo golpe, retrocedeu, dirigindo-se à Porta Ocidental, na qual encontrou o segundo traidor, que lhe fez a mesma solicitação; Hiram recusou, de idêntico modo o que, também, contrariou o segundo traidor que o golpeou com a Alavanca. Cambaleando, Hiram procurou retirar-se pela Porta do Meio-dia que acreditava caminho seguro para fugir.

Porém, o terceiro traidor que o esperava ali lhe dirigiu a mesma exigência que os anteriores; Hiram respondeu-lhe que antes preferia morrer que revelar um segredo que o traidor, ainda, não merecia; indignado pela negativa, o traidor aplicou-lhe terrível golpe

com o Maço que o prostrou morto.

Sendo, ainda, claro, os traidores juntaram o corpo de Hiram e o ocultaram sob um monte de escombros ao norte do Templo, para aguardarem a noite, a fim de transportá-lo para mais longe.

Efetivamente, quando se fez noite, o levaram longe da cidade numa elevada montanha, onde o enterraram, provisoriamente, pois, decidiram conduzi-lo mais longe, ainda; plantaram sobre a cova um ramo de Acácia para marcar o local, regressando os três para Jerusalém.

O respeitável Mestre Hiram, diariamente, ao levantar-se Salomão, o procurava para pô-lo a par das obras e receber ordens; Salomão, vendo, no dia seguinte, que Hiram não o procurara, mandou um dos seus oficiais chamá-lo; regressando este, informou a Salomão que não havia encontrado a Hiram apesar de tê-lo procurado por toda parte; tal resposta afligiu Salomão que foi pessoalmente ao Templo para tentar encontrá-lo e determinou uma busca minuciosa em toda a cidade.

No terceiro dia, ao sair Salomão do Santuário, onde fazia as suas orações, o fez pela parte do Oriente, causando-lhe surpresa notar manchas de sangue no solo.

Seguiu-as até o monte de escombros ao norte; mandou escavar, sem nada encontrar.

Estremeceu de horror, convencendo-se de que Hiram havia sido assassinado.

Retornou ao Santuário do Templo para chorar a perda de tão grande homem; em seguida retornou ao Átrio do Templo determinando que todos os Mestre se reunissem e lhes disse: "Meus Irmãos, a perda de vosso Chefe é certa".

Ante essas palavras, cada Mestre recolheu-se em profunda dor ocasionando um silêncio prolongado interrompido por Salomão, dizendo que era preciso que nove deles resolvessem partir em busca do corpo de Hiram e conduzi-lo para o Templo.

Apenas terminado Salomão de falar, todos os Mestres quiseram partir, até os mais velhos, sem refletir sobre as dificuldades do caminho. Vendo seu zelo, Salomão lhes disse que só partissem nove eleitos, por escrutínio.

Os agraciados alegraram-se, despojaram-se de seus calçados, para maior agilidade e partiram.

Três empreenderem a rota do meio-dia; três a do Ocidente e três a do Oriente, prometendo reunir-se após o nono dia de buscas.

Um deles, encontrando-se extenuado de fadiga, quis descansar e ao querer sentar-se acostou-se a um pé de Acácia que encontrou perto para apoiar-se.

Porém, aquele ramo, colocado ali accidentalmente ficou em sua mão, fato que o surpreendeu; vendo, então, que fora colocado sobre um espaço de terra removida, presumiu que Hiram pudesse ter sido enterrado naquele local. Reanimado, recuperou novas forças e foi em busca dos outros Mestres já, totalmente reunidos como haviam combinado.

Conduziu-os ao local de onde viera, referiu-lhes o que sabia, e animados todos do mesmo zelo, puseram-se a remover aquele amontoado de terra.

Efetivamente, ali estava enterrado o Respeitável Mestre Hiram e quando descobriram o corpo, horrorizaram-se, retrocedendo e estremecendo.

A dor embargou os seus corações, permanecendo um longo tempo em êxtase; porém, recuperando o valor, um deles penetrou na cova, tomou a Hiram pelo índice de mão direita para levantá-lo. Hiram, cuja carne já corrompida se desagregava, cheirava mal, o que fez o Mestre retroceder, dizendo: "Eclingue", que significa: "Cheira mal".

Outro Mestre segurou o dedo anular acontecendo o mesmo; e exclamou:
"Jaqin".

Os Mestres consultaram-se. Como ignoravam que, ao morrer, Hiram havia

conservado o segredo dos Mestres, resolveram retirá-lo; a primeira palavra que proferiram ao retirar o corpo passaria a ser a secreta.

Em seguida, o mais velho deles entrou na cova, colheu o Respeitável Hiram e agarrando-lhe a mão direita, apoiou o peito contra o seu, assim como o joelho e o pé do mesmo lado e com a mão esquerda o segurou pelos ombros erguendo-o e retirando-o da cova.

Seu corpo produziu um ruído que os assustou, porém, o Mestre, sempre sereno, exclamou: "Macbenah", que quer dizer: "A carne abandona os ossos".

Em seguida, repetiram-se, uns aos outros, os respectivos nomes e colhendo-o pelo braço tomaram o corpo do Respeitável Hiram e o conduziram para Jerusalém.

Chegaram à noite, com a lua cheia e entraram no Templo, onde depositaram o corpo.

Informado Salomão de sua chegada, acudiu ao Templo, acompanhado de todos os Mestres, calçando luvas brancas e avental, rendendo ao Respeitável Mestre as últimas honras.

Salomão mandou inumá-lo no Santuário e fez colocar sobre seu túmulo uma placa de ouro, de forma triangular, na qual estava gravado, em hebreu, o nome do Eterno; depois, recompensou aos Mestres com um Compasso de ouro que colocaram na lapela de seus trajes, pendentes de uma fita azul e comunicaram-se as novas palavras, Sinais e Toques,

As mesmas cerimônias são executadas ao se retirar o Candidato do ataúde, durante a recepção.

A Palavra convencional foi: "Gibline", o nome do lugar em cujos arredores estava enterrado o corpo de Hiram.

* * *

Após ter Salomão, mandado inumar Hiram no Santuário do Templo, com a mesma magnificência devida à sua posição congregou a todos os Mestres dizendo-lhes:

"Meus Irmãos: os traidores que cometem este assassinato não podem ficar impunes; pode-se descobri-los, pelo que vos declaro que as investigações devem ser levadas a cabo com todo o ardor e circunspeção possível, e no caso de serem descobertos, que não se lhes faça dano algum, trazendo-os vivos para reservar-me a satisfação da Justiça.

Para tanto, ordeno que vinte e sete de vós, partais para levar a cabo esta investigação, pondo cuidado especial na execução de minhas ordens".

Todos queriam partir para vingar a morte de seu Respeitável Mestre, porém, Salomão, sempre respeitando as suas próprias decisões, lhes repetiu que era necessário formar um grupo de vinte e sete, tomando nove o rumo do oriente, nove o do meio-dia e nove para o ocidente, e que fossem armados com Maços, para defenderem-se dos perigos que pudesse ocorrer.

Em seguida os escolheu por escrutínio verbal, e os eleitos partiram com a promessa de seguir fielmente as ordens de Salomão.

Os três traidores assassinos de Hiram, que haviam retornado aos trabalhos do Templo após o seu crime, vendo que o corpo de Hiram havia sido encontrado, imaginaram, prontamente, que Salomão mandaria investigar para saber quem o havia assassinado.

Como chegou ao seu conhecimento através de outros oficiais o que havia determinado Salomão, saíram de Jerusalém ao anoitecer e separaram-se, para que não sendo vistos juntos, fosse menos suspeito.

Cada um empreendeu a fuga afastando-se de Jerusalém para ir ocultar-se em terras estranhas.

Já expirava o quarto dia de marcha, quando nove dos Mestres, extenuados de fadiga, encontraram-se no meio das rochas, em um vale, aos pés do monte do Líbano.

Descansaram ali e como começava a anoitecer, um deles ficou vigiando para não serem surpreendidos por algum animal.

O vigia afastou-se um tanto de seus companheiros e, ao longe, divisou uma pequena luz através de uma fenda de rocha; estremeceu, surpreso; tranqüilizando-se, aproximou-se do local resolvido a verificar do que se tratava. Já perto, seu corpo foi invadido de um frio suor, notando a entrada de uma caverna, de onde saía a luz. Recuperado, com novo ânimo, resolveu penetrar. A entrada era estreita e baixa, de modo que penetrou com o corpo encurvado e a mão direita à frente para evitar as saliências das pedras, avançando, pé sobre pé, evitando produzir qualquer ruído.

Chegado ao fim, no fundo da caverna, viu um homem recostado e adormecido sobre suas mãos.

Reconheceu-o de imediato como sendo um obreiro do Templo de Jerusalém, da classe dos Oficiais e não duvidando de que se tratava de um dos assassinos, o seu desejo de vingar a morte de Hiram lhe fez esquecer as ordens de Salomão e armando-se de um punhal que encontrou aos pés do traidor, cravou-o várias vezes em seu corpo, cortando-lhe, em seguida, a cabeça.

Terminada a ação, sentiu-se atacado por uma sede devoradora, quando verificou a existência de um arroio em cujas águas aplacou a sua sede.

Saiu da caverna com o punhal em uma das mãos e na outra a cabeça do traidor, segura pelos cabelos.

Deste modo foi em busca dos companheiros que, aovê-lo, estremeceram de horror. Contou-lhes o que acontecera na caverna e de que modo havia encontrado o traidor que se havia refugiado nela.

Porém, seus camaradas lhe disseram que seu zelo exagerado os colocava numa posição melindrosa por faltar às ordens de Salomão.

Reconhecendo a sua falta, permaneceu coibido, porém seus camaradas, que confiavam na bondade do Rei, lhe prometeram obter junto a Salomão, graça.

Em seguida, retomaram o caminho de Jerusalém, acompanhados do que ainda continuava com a cabeça do traidor em uma das mãos e o punhal na outra, chegando ao nono dia de sua partida.

Entraram no momento em que Salomão estava encerrado no Santuário do Templo com os Mestres, como era seu hábito fazer, todos os dias, na conclusão da jornada, para recordar, com dor; o seu digno e Respeitável Arquiteto Hiram.

Penetraram os nove, ou melhor, oito reunidos ao nono que levava, sempre o punhal em uma das mãos e a cabeça na outra, gritando por três vezes: "Comigo chega a vingança!", e a cada vez faziam uma genuflexão. Porém Salomão, estremecendo ante aquele espetáculo, disse: "Desgraçado! Que fizeste? Não te havia dito que me reservasses o prazer de vingança?"

Então, todos os Mestres, ajoelhados, gritaram: "Graça para ele", afirmando que seu excessivo zelo lhe havia feito esquecer suas ordens. Salomão, cheio de bondade, o perdoou e ordenou que a cabeça do traidor fosse exposta no extremo de uma vara, guarnevida de ferro, em uma das Portas do Templo, à vista de todos os obreiros, o que foi de imediato executado, esperando descobrir os restantes traidores.

Vendo Salomão que os traidores haviam se dividido, acreditou ser difícil descobrir os demais e resolveu mandar publicar um edito em todo o seu reino, proibindo dar hospitalidade a todo desconhecido que não possuísse passaporte; prometeu grandes recompensas aos que pudessem lhe trazer os traidores a Jerusalém ou dar-lhe notícias deles.

Um obreiro, que trabalhava na estrada de Tiro, sabia de um homem estrangeiro que se havia refugiado em uma caverna próxima à estrada e que lhe havia confiado seu segredo e lhe fez prometer que se arrancaria a própria língua antes que revelá-lo.

Como aquele homem vinha à cidade vizinha buscar diariamente víveres para o traidor que estava na caverna e se encontrava, justamente, na cidade quando publicaram o edito de Salomão, deu-se conta da elevada recompensa existente, prometida a quem descobrisse os assassinos de Hiram.

O interesse foi mais forte que a fidelidade à promessa que havia feito. Saiu e tomou o caminho de Jerusalém, encontrando aos nove Mestres encarregados de buscarem os culpados, que ao verem o nervosismo do obreiro a ponto de empalidecer, lhe perguntaram de onde vinha e para onde ia.

O desconhecido, fazendo menção de se arrancar a língua, caiu de joelhos, beijando a mão do que o interrogava, respondendo: "Como acredito que sejam os enviados do Rei Salomão para buscar os traidores que assassinaram o Arquiteto do Templo, digo-vos que apesar de ter prometido guardar segredo, não posso agir de outro modo que obedecendo as ordens do Rei, indicadas no edito acabado de mandar publicar. Um dos traidores que buscas está a um dia de caminho daqui, refugiado em uma caverna, entre as rochas, nas cercanias da estrada de Tiro, próximo a um grande sarçal. Um cão está, sempre, à porta da caverna, que o previne quando alguém se aproxima."

Escutando esse relato, os Mestres lhe disseram que os seguisse e os guiasse, até as proximidades daquela caverna.

Este obedeceu e conduziu os Mestres à estrada de Tiro, de onde lhes indicou o local onde se encontrava o traidor.

Era o décimo quarto dia de sua caminhada, quando o descobriram.

Ao anoitecer vislumbraram o sarçal; o tempo estava chuvoso; de repente, despontou o arco-íris. Detendo-se o grupo para apreciar o fenômeno, descobriram a caverna. Nem mal se haviam aproximado, viram o cão adormecido e para burlar a sua vigilância, tiraram os sapatos.

Uma parte adentrou à caverna, onde surpreendeu o traidor adormecido.

O ataram, o sujeitaram e o levaram para Jerusalém junto com o desconhecido que os havia informado.

Chegaram ao décimo oitavo dia de sua partida, pela tarde, no momento em que terminavam os trabalhos. Salomão e todos os Mestres, como de costume, estavam no Santuário do Templo, para recordar, com pena, a Hiram.

Penetraram no Templo e apresentaram o traidor a Salomão, que o interrogou e o fez confessar o crime.

Condenou-o a que lhe fosse aberto o corpo, arrancado o ração cortada a cabeça e colocada no extremo de uma segunda vara, guarnevida de ferro, em uma das Portas do Templo, o mesmo que ao primeiro, à vista de todos os obreiros e seu corpo fosse arrojado fora dos muros para servir de pasto aos animais. Salomão recompensou o desconhecido e o remeteu, satisfeito ao seu país na espera de descobrir o terceiro traidor.

Os nove últimos Mestres, estavam desiludidos já de encontrar o terceiro traidor, quando no vigésimo segundo dia de sua marcha encontraram-se perdidos numa selva do Líbano e obrigados a transpor vários lugares perigosos, viram-se forçados a passar" ali a

noite, escolhendo lugares cômodos e seguros face à presença de animais selvagens.

No dia seguinte, ao amanhecer, um deles foi cientificar-se do local onde se encontravam.

Divisou, ao longe, um homem armado com um machado que descansava aos pés de um penhasco. Era o traidor a quem buscavam, que, informado do destino de seus dois companheiros, fugira para o deserto para ocultar-se, e vendo que um dos Mestres dirigia-se em sua direção, o reconheceu por tê-lo visto no Templo.

Levantou-se e saiu ao seu encontro, acreditando que nada deveria temer, pois enfrentaria um só homem.

Porém, o desconhecido, observando que ao longe encontravam-se outros Mestres que se aproximavam rapidamente, fugiu precipitadamente o que traiu sua culpa, convencendo aos Mestres que poderia ser o traidor, decidindo assim todos a persegui-lo.

Ao final, o traidor, fatigado pelos obstáculos do caminho, decidiu enfrentá-los, resolvido a defender-se, preferindo a morte à captura.

Como estava armado com o machado, ameaçava agredir a quem se aproximasse.

Despreocupados com sua temeridade, os Mestres, armados com os seus Malhetes, aproximaram-se, convidando-o a render-se.

Porém, obstinado em se defender, lutou e atacou com furor, durante longa luta, sem contudo, ferir a ningüém.

Os Mestres limitavam-se a aparar os golpes porque não queriam fazer-lhe dano antes de conduzi-lo a Jerusalém e apresentá-lo vivo a Salomão.

Metade deles descansavam enquanto os outros combatiam.

Iniciara a noite, quando os Mestres, temendo que as trevas facilitassem a fuga do traidor, o atacaram todos juntos e apoderaram-se dele no momento em que o assassino procurava precipitar-se do alto da rocha. Desarmaram-no, ataram-no e o conduziram a Jerusalém, onde chegaram ao vigésimo sétimo dia de sua partida, ao final dos trabalhos quotidianos, no momento em que Salomão e os Mestres estavam no Santuário para elevar as suas preces ao Eterno e recordar com pena a Hiram.

Os Mestres entraram e apresentaram o traidor a Salomão que o interrogou; e como não podia justificar-se, foi condenado a que se lhe abrisse o ventre, arrancassem as entranhas, cortassem a cabeça e o resto do corpo arrojado ao fogo para ser reduzido a cinzas, lançadas essas aos quatro pontos cardeais.

Sua cabeça foi exposta, como a dos dois outros, ao extremo de uma vara com a ponta de ferro. Seus nomes estavam escritos sob cada vara, com os símbolos, semelhantes aos instrumentos que haviam usado para o crime.

Os três eram da tribo de Judá; o mais velho chamava-se Sebal, o segundo Oterlut e o terceiro, Stokin. As três cabeças permaneceram durante três dias à vista de todos os obreiros do Templo.

Ao terceiro dia, Salomão mandou erguer uma grande fogueira ante a entrada principal e arrojar nela as três cabeças, os utensílios e os nomes, sendo tudo queimado até a consumição completa.

As cinzas foram, igualmente, lançadas aos quatro pontos cardeais.

Terminado o que, Salomão dirigiu os trabalhos do Templo com a assistência dos Mestres e tudo prosseguiu em paz".